JUVENAL GALENO

Henriqueta Galeno

Juvenal Galeno da Costa e Silva era filho de José Antônio da Costa e Silva e Maria do Carmo Teófilo e Silva. Nasceu na cidade de Fortaleza a 27 de setembro de 1836 e morreu a 7 de março de 1931, na casa em que viveu por mais de cinquenta anos e que é hoje conhecida com a denominação de *Casa de Juvenal Galeno,* na Rua General Sampaio. O poeta colocou a sua lira no cimo de sua residência e, ali, cantou durante meio século, as tristezas e alegrias do povo. Essa Casa mantém, há longos anos, a reunião dos intelectuais, estimulando-lhes o gôsto e acordando as vocações literárias das jovens inteligências cearenses.

Foi Juvenal Galeno quem, de maneira definitiva, criou a Poesia Popular no Brasil, poesia que traduz, com palavras simples e cheias de emoção, a vida, os costumes, os pesares e as alegrias do povo. E êle cantou com muito sentimento, a vida do pobre no campo e no lar, retratando fielmente os costumes do povo humilde, como nesta estrofe do "Pobre Feliz", que é muito conhecida e cantada em todo o Brasil:

"Sou pobre, mas sou ditoso,
De ninguém invejo o fado.
Me falta, sim, o dinheiro,
Mas, de minha Rosa ao lado,
Não me falta amor constante,
Sossêgo, mimoso agrado.

Sou pobre, mas sou ditoso,
Meu Deus!
Ao lado de minha Rosa,
Cercado dos filhos meus!

Ninguém melhor do que êle descreveu a vida do pescador, do homem do mar, que, na sua labuta cotidiana em busca do sustento da família, se arroja intrépido, na sua jangada tôsca de quatro paus, ao mar revôlto.

No meio do tumulto das ondas, avista apenas céu e mar e, longe, vislumbra a praia distante, onde deixou, na humilde choupana, espôsa e filhinhos inocentes, esperando ansiosos o seu regresso. O pobre do pescador, impelido pela fúria das vagas, lança o anzol e, se a pescaria é boa, sente-se feliz. Ao cair da tarde, retorna á terra. A criançada, que brinca, rolando na areia da praia, logo que avista a jangada no horizonte, bate palmas, gritando em alvorôço: — Lá vem a "Estrêla d'Alva", lá vem o papai! Mais tarde, sentados todos na esteira de palmas de catolé, jantam contentes o saboroso pescado.

Vida ingênua e pitoresca, a da pobre gente da praia! E quantas vêzes, o pescador, em alto mar, levado na sua jangada pelo vaivém das vagas, canta os versos do seu poeta — Juvenal Galeno:

Jangadeiro, jangadeiro,
Que fazes cantando assim,
Embalado pelas vagas
No seio do mar sem fim?...

....

Minha jangada de vela
Que vento queres levar:
De dia, vento de terra?
De noite, vento do mar?

Juvenal Galeno foi o poeta do povo que mais alto enalteceu as alegrias, a honradez, os sofrimentos da humilde gente da praia, da serra e do sertão.

No tempo da escravidão, não temeu as iras dos senhores de escravos, sua lira esteve sempre ao lado dos sofredores, dos oprimidos, reclamando contra o nefando cativeiro, amaldiçoando a "lei ferrenha e vil... que envergonha... que desdoura o nosso lindo Brasil!"

— Dessa lei que nos avilta...
De grande infâmia padrão!
Só própria da barbaria...
E não dum povo cristão!
— Homens das leis... brasileiros,
Salvai do opróbrio a nação!...

Conheçamos, agora, alguma coisa da vida de Juvenal Galeno. Na meninice, estudou em escolas públicas, com muito gôsto, demonstrando desde os mais verdes anos o seu amor ás letras. Quando rapaz, estudou em colégios, fêz exames no velho Liceu, sempre se distinguindo nas aulas. Aos vinte anos, seu pai, que era dono de sítios na serra da Aratanha e acalentava o desejo de fazer dêle, único filho varão, o seu sucessor nos trabalhos da agricultura, mandou-o ao interior da província do Rio observar e aprender o que fôsse mistér sôbre cultura cafeeira. Juvenal não tinha gôsto para aquela vida, no entanto, como filho obediente, seguiu, cumprindo a ordem paterna. Mas a forte vocação poética arrastou-o para a camaradagem de Paula Brito, diretor e proprietário do jornal "Marmota Fluminense", em cuja redação se reuniam os escritores e poetas da época. Ali Juvenal conheceu Machado de Assis que, naquele tempo, era tipógrafo e mais tarde se tornou o grande romancista brasileiro. Convivendo nesse ambiente maravilhoso de seduções intelectuais, Juvenal esqueceu os cafeeiros e fêz versos, muitos versos, que enfeixou num livro bonito, o seu primeiro livro, a que deu o título de "Prelúdios Poéticos". De regresso ao Ceará, trouxe êsse presente de ternura filial para seus pais.

O pai do poeta era homem bastante inteligente e de coração boníssimo. Compreendeu os sentimentos do filho e o abençoou satisfeito e sorridente. É que, não há dúvida, o poeta nasce e não há obstáculos que o detenham, no impulso de sua inspiração. Juvenal nascera poeta e êle próprio, já na velhice, assim o afirmou:

Poeta nasci, foi sorte
Cantando a vida passar,
Como a cigarra da serra,
Que canta até rebentar,
Por isso até na velhice
Nunca deixei de trovar.

O seu amor e dedicação ás letras eram tais, que só aceitava empregos nas esfera das letras. Desempenhou as funções de Inspetor Escolar, num tempo em que os transportes eram difíceis, senão penosos. E êle não sentia fadigas e nem se descurava do seu mistér. Gostava do convívio das crianças, conversava com elas, nas escolas, orientava as professoras, e tanto se afez ao meio escolar que, inspirado, compôs singelas e tocantes "Canções Escolares". Ouçamos uma destas estrofes que devem ser cantadas no comêço das aulas:

Eia, às lidas! Que o estudo
Nos ilustra e dá vigor!
Eia, avante, à luz divina,
Que nas trevas geme a dor.

Eia, avante, à luz divina,
Que nas trevas geme a dor.

Mais tarde o poeta foi nomeado Bibliotecário do Estado: era um gôsto vê-lo na direção da Biblioteca Pública, que amava como a uma filha. Seu zêlo, ali, foi extraordinário, nada escapando á sua extremosa fiscalização. Orientava e aconselhava, nas leituras, os jovens frequentadores daquela repartição. A êsse respeito ouçamos a palavra do grande escritor brasileiro Gustavo Barroso, nosso conterraneo:

"Na minha meninice, a Biblioteca Pública do Estado ficava nos fundos do Liceu. No intervalo das aulas, ou nas gazetas, eu corria logo para o salão de leitura e pedia, apressado, ao contínuo Dantas, um volume de Júlio Verne. Eu tinha loucura por Júlio Verne e a tudo preferia uma página da ILHA MISTERIOSA ou de ROBUR O CONQUISTADOR. Juvenal Galeno era bibliotecário e divertia-se em policiar rigorosamente a leitura dos estudantes. Certo dia, estava eu engolfado num dos capítulos mais emocionantes das CINCO SEMANAS EM BALÃO quando a mão de um homem pousou no meu ombro. Levantei a cabeça com espanto e vi por trás de mim um velho gordo, de rosto largo, óculos azuis e alvas barbas patriarcais.

— De quem você é filho?

Dei-lhe o nome de meu pai e êle continuou:

— É meu amigo. Portanto, tenho o direito de velar pela sua leitura. Êsse Júlio Verne não serve para a sua idade. Vou dar-lhe cousa melhor. Tomou-me o livro, chamou o Dantas e mandou-me fornecer a cacetíssima HISTÓRIA DUM BOCADINHO DE PÃO. Daí por diante, tentei quatro ou cinco vêzes obter um volume de Júlio Verne. Impossível! O Dantas tinha ordem formal de só me dar a tal HISTÓRIA DUM BOCADINHO DE PÃO. Guardei, porém, fundo rancor a Juvenal Galeno até que a idade e o estudo me fizeram compreender seu glorioso papel na história das letras de minha terra. Aí o amei e admirei como merecia ser amado e admirado".

Juvenal Galeno foi pai e espôso amantíssimo. Adorava a vida tranquila do lar. Sua espôsa, D. Mariquinhas, tocava muito bem piano. Quando ela se sentava para executar alguma das suas músicas prediletas, êle imediatamente solicitava: — Toque a "Fôrça do Destino". Era a sua música preferida.

Na idade de 74 anos, o poeta, que já tinha uma vista perdida desde rapaz, cegou completamente, devido a terrível glucoma.

Aposentado como Diretor da Biblioteca Pública, recolheu-se, resignado, ao lar. Não amaldiçoou o Destino, não proferiu uma blastêmia, sofreu a infelicidade da cegueira como verdadeiro santo.

Grande palestrador que era, não lhe faltavam amigos para o entreterem em animadas conversas. Não abandonou, entretanto, sua querida musa, sempre inspirado, continuou a versejar e, como não podia escrever, ditava as poesias para sua filha e secretária, Henriqueta Galeno, autora destas linhas, as escrever. E assim viveu até aos 94 anos, quando a morte o arrebatou a 7 de março de 1931.

Eis, em traços gerais, a vida e a poesia do grande Poeta Popular de nossa terra e de nossa gente.

Fortaleza, 1953.